

PASSA POR MIM
NO
ROSSIO



4-100-1
1619

Passa por mim no Rossio

REVISTA À PORTUGUESA

DE

FILIPE LA FÉRIA



Coordenação
de
edição
de

Vitor Pavão dos Santos

Cotovia

Teatro Nacional D. Maria II

Título: *Passa por mim no Rossio*

© Filipe La Féria e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1991

Fotografia de Paulo Cintra e Laura Castro Caldas

Concepção gráfica de António Lobo

ISBN 972-9013-74-8

PASSA POR MIM NO ROSSIO

Vai dizer adeus à Graça
Que é tão bela, que é tão boa
Vai por mim beijar a Estrela
E abraçar a Madragoa
E mesmo que esteja frio
Que os barcos fiquem no rio
Parados sem navegar
Passa por mim no Rossio
E leva-lhe o meu olhar

Foram os versos de Villaret que deram o título a esta história da Revista. O Tejo, Lisboa pintada em cenários de pano, a memória de levianas canções, a fábula dos grandes actores que se confundem com a história da nossa infância, as luzes e a orquestra, as coristas desfilando na passerele... a Revista à Portuguesa iria entrar, com arquinhos e balões, na séria e declamada casa do senhor visconde de Almeida Garrett.

Escândalo para os mais preconceituosos, festa e regabofe para os mais folgazões, a azougada e picante Revista poderá, para calar os primeiros, mostrar os seus culturais brasões, que ela, apesar da avó ter sido peixeira na Praça da Figueira, sempre ouviu dizer lá em casa que Aristófanos e Mestre Gil também tinham sido da família e que nos tempos de rapazes se fartaram de andar atrás das coristas. O que é um bocado de exagero para calar a boca à nossa mais enjoada «intelligentsia», pois a nossa chineleira Revista poderá quanto muito aspirar a ser levemente aparentada com os actores italianos, que vindos da commedia dell'arte, representavam no Séc. XVIII nos teatros de feira de Paris as tais «Revistas do Ano», paródias crónico-anedotas dos acontecimentos do ano transacto, com coplas e músicas, como se cantavam nas tabernas.

No dia 11 de Setembro de 1851 a Revista faz a sua estreia na cidade de Lisboa, ali, no Teatro do Ginásio, na antiga Travessa do Secretário da Guerra, hoje Rua Nova da Trindade, na mesma noite em que no Teatro do Rossio se representava o drama «O Herdeiro do Czar», para os mais pesados, e a zarzuela «O Duende», para os mais frívolos. É nessa «Revista do Ano de 1850» que a nossa viagem começa: chegar de trem ao Ginásio para assistir à *première*, aplaudir o actor Pereira e a actriz Emília Cândida, ouvir falar dos políticos, dos extravagantes *chalets* dos cabralistas, era um bom cartaz para os alfacinhas entusiasmados com as promessas da moderníssima Regeneração.

Entre o «Fossilismo e Progresso» de Manuel Roussado – o mais antigo texto de revista que chegou até nós – e a «Viagem À Roda da Parvónia» do jovem inconformista Guerra Junqueiro, vamos encontrar Lisboa numa actriz que chega tarde ao ensaio, a Lisboa de Cesário, de sombras, Tejo e maresia, iluminada pela luz do gás da ribalta, essa poética primitiva de um telão pintado, memória de um acorde de guitarra, dum verso marinheiro, duma copla que se prende ao ouvido e não nos deixa mais, ingénua alquimia que, com a sátira linguareira e maldizente, eram as poções mágicas que Fialho de Almeida aconselhava a misturar na arte de bem cozinhar revistas com muitas espinhas afiadas para engasgarem mesmo OS GATOS.

Para os Vencidos da Vida e seus apoiantes, a Revista provocava as maiores náuseas ou, no melhor dos casos, alguma enfadada *boutade*. Fialho, por escárnio, dizia que Eça devia escrever revistas e talvez tivesse razão na sua grande maldade, enquanto a Ramalhal figura se insurgia, de bengalim em punho, contra os «spectacles à femmes» que empestavam o Passeio Público com cafés-concertos em que malucas e libertinas francesas dançavam o can-can. Para pôr termo e exigir decência a essas e muitas outras poucas vergonhas, entra em cena a injustíssima Madame Censura, actriz convidada que na nossa história irá desempenhar importantes e aborrecidíssimos papéis, sempre de tesoura e lápis azul em riste. Pela lei de Lopo Vaz «nunca mais se poderia ver o Rei D. Luís com uma monstruosa Rosa na botoeira (piada brejeira à favorita do Rei, a ingénua dramática Rosa Damasceno), nem o Fontes Pereira de Melo com uma coroa de bicos, dando o braço às manas Perliquites».

Estar num camarote de teatro em 1889 e assistir a uma representação de «Tim-Tim Por Tim-Tim» do empresário, autor e teatrólogo Sousa Bastos, era ser espectador da maturidade da nossa Revista à Portuguesa. Pepa Ruiz, sua primeiríssima mulher e primeiríssima atriz, era sem dúvida a maior atracção do Teatro de Revista no final desses longínquos anos 80, que só seria desgraçadamente destronada pela sua segunda mulher, mas também primeiríssima atriz Palmira Martinez, Bastos de seu marido, glória e árvore que morreu definitivamente de pé. Este Sousa Bastos e Eduardo Schwalbach irão dominar toda a produção revisteira do final do século entre arrebatadas lutas políticas, padres, varinas, polícias, os bonecos de Bordalo, as caçadas de El-Rei a Vila Viçosa, terríveis ultimatoss, mortes, alcapões e mágicas deste Reino da Bolha onde o Zé Povinho, o eterno compadre, dá o braço, para a primeira apoteose, à República, capitosa e trepidante vedeta da Revista à Portuguesa.

«Adeus, ó tu! Como estás tu?», é agora a saudação de rua dos novos-republicanos, os «Talassas» que forçosamente se adaptam à popular e chistosa democracia, esperançados ainda nos Paivas Couceiros e noutros grandes chatos. Mas a Revista, essa, está em grande! Com a Madame Censura fora de cena, não poupa ninguém. Nem os choramingas do «ancien regime» nem os novos e arrebatados líderes. Tem bons autores, como André Brun e a célebre parceria (João Bastos, Félix Bermudes e Ernesto Rodrigues), tem bons actores, e até a boémia e lendária Ângela Pinto faz revista. Adelina Abranches e Chaby Pinheiro vêm também do declamado, nesses tempos de liberdade, para o ligeiro dizer graças picantes aos políticos.

E ali, na Avenida da Liberdade, na Feira de Agosto, o público canta os refrões dos fados da Maria Vitória que, em 1913, dança o amor apache na célebre revista «O 31». No governo de Afonso Costa a agitação social é alarmante e «tudo bate em Portugal o Fado do 31». A situação económica do país em vésperas da Primeira Grande Guerra, a falta de alimentos e as greves geram uma actuação policial mais violenta que, nos palcos da revista, faz entrar em cena os famosos polícias Nascimento Fernandes – o 27 – e Joaquim Costa – o cabo Elísio – de cacete na mão a impor republicanas autoridades.

Lisboa era, para o poeta sensacionalista José de Almada Negreiros, uma aldeola insuportável, mas também este extravagante Orfeu havia de ir parar à Revista. Primeiro, é esta que troça dele ridicularizando-o, chamando-lhe doido; depois, é ele que inventa uma Lisboa futurista de triângulos e casas de costas viradas para essa tinta azul a que chamam Tejo.

E a cortina de boca abre-se, todo o palco se ilumina para entrar em cena o mais lendário actor da nossa Revista: Estêvão Amarante. Foi no «Novo Mundo» (1916) que, vestido de carroceiro, de mãos no ar e pé atrás, sempre pronto para arrear e resolver à bordoadas todas as situações, Lisboa se enamora desse actor que tinha começado em criança a cantar pelos cafés das camareiras ou nos teatros feitos de tendas nas feiras de Lisboa. Com este Ganga do tablado se identifica o espectador português dos anos 10, pondo com ele bivaque de magala e indo lá para as trincheiras, para as Flandres, conquistar as Mariettes, «que o português est toujours gais».

Para afogar as mágoas da divina decadência da Primeira República, e se não tivermos que enganar a lusa larica com a sopa do Sidónio, podemos entrar no Maxime de Lisboa, dos anos 20, ali no Palácio Foz, dançar o charleston, jogar à roleta, ouvir o estonteante e americaníssimo jazz, beber champanhe até cair redondos no chão. Mais à frente, junto à Avenida, abriu um moderno luna-parque, nos jardins do Palácio dos Mayer. Tenho dois bilhetes para a segunda sessão. Vou ver a Laura Costa cantar «A Rita e o Manecas» ou a Corina Freire nas «Camélias de Sintra»; ou então, vou ao Éden-Teatro, que é mais chique, ou ao velho Teatro Apolo, na Mouraria, o mais castiço templo das revistas. A geral são meia-dúzia de tostões!

A marchar, entram pelo palco gerais a cavalo no 28 de Maio de 1926. Os loucos anos 20 estão quase no fim e a Revista, com o regresso da Censura, vai voltar ao duplo sentido, à linguagem cifrada, cobrindo-se de plumas numa compensação mais visual.

No Teatro Avenida, em 1927, a Revista «Água Pé» apresenta novos autores (José Galhardo, Alberto Barbosa, Xavier de Magalhães), novos músicos (Frederico de Freitas, Hugo Vidal e Angel Gomes), um sensacional bailarino-coreógrafo – Francis! –, um verdadeiro figurinista – José Barbosa –, novos actores (António, Josefina Silva, além de Amarante e Luísa Satanela).

A revista modifica aí toda a sua estrutura e figurino, renova-se, torna-se mais estilizada e deco, escondendo com lantejoulas e egrettes o que Madame Censura a faz calar. Para esses brilhos tem Satanela, a italiana-portuguesa, que ficará na Revista à Portuguesa com o len-

dário estereótipo da vedeta emplumada. Porém, um dia, a lenda antiga de bastidores, recusou-se a fazer um número em que iria imitar Marlène e deu-o, na véspera da estreia, a uma jovem atriz da companhia: Irene Isidro.

Reviver com Irene Isidro esse momento será um privilégio, um truque de mágica ou um sonho só possível no teatro. Não respirem, não se movam, para que este momento seja eterno.

Com Beatriz Costa, entramos nos anos 30, nos tempos do «Falazar», do Santo Antoninho, do Alfaiate Oliveira. O público conhece todos os sinais, depressa decifra as metáforas. A linguagem revisteira tem o seu código, ilude os censores e torna o público cúmplice. É a época dos grandes rabulistas. Beatriz é a esportíssima salaia da Malveira, a menina da franja à Louise Brooks, eterna enamorada de Lisboa. Vasco Santana, o genial Vasquinho, António Silva, Teresa Gomes, Ribeirinho, chegam até nós misturados com as imagens do cinema, numa rapioqueira «marcha ao folambô». Nos seus nomes, no som das suas vozes, no rasto iluminado das suas figuras estão também as histórias que ouvimos contar. E todos os rostos se confundem, e já não sabemos se é a eles que estamos a ver ou se é a recordação dos nossos mortos, a saudade de nós próprios ou de um tempo que implacavelmente não regressa. Será este um dos sortilégios dos actores que, por magia, atravessam o palco e se escondem no coração de quem, no escuro da plateia, os olha e os guarda como se fizessem parte de cada vida.

António Ferro, eficaz e culto propagandista do regime, depressa se apercebeu que a Revista devidamente domesticada, cortada e amaneirada, poderia servir duma forma eficaz a filosofia sacrista dos bons costumes e do bom ar do campo, fazendo a apologia lírico-ruralista dos valores idílicos da família portuguesa simples e pobrezinha. Depressa surgiram as airosas canções em que o discurso hipócrita e seminarista se enfeitava de giestas, madressilvas e casinhas da minha aldeia com uma porta e uma janela. Mas a nossa Revista, mesmo com arroubos patriotas e nacionalistas e com um bom senso fossilizante, servindo a quem melhor paga, felizmente sempre soube rir de tudo e até do santinho sovina e misantropo, que nunca cai, tiroliro ai ai ai.

E com Mirita Casimiro viajamos no período da Segunda Grande Guerra, quando a defesa dos Açores e a incerteza da participação de Portugal dão ensejo a que os autores de revista premeiem as atrizes do declamado com tiradas dramáticas e bélicas. Mas Mirita dança a java parisiense, festejando a vitória dos aliados no palco do Variedades na revista «Alto Lá com o Charuto», título que é uma clara alusão a Churchill - Good - Fellow. Quando chega a «Boa Nova», cantada no velho Teatro Apolo por Amália Rodrigues, no fim da guerra, a Revista espera também a democratização. Mas nos anos 50, após a candidatura de Norton de Matos, limita-se cada vez mais, com a censura policial e o desinteresse do público, a fantasia e a irreverência da nossa Revista. A voz arrastada e dolente de João Villaret, numa canção de cabaret que podia ter sido escrita por António Botto num guardanapo de papel, traz-nos a nostalgia duma noite dos anos 50, que talvez só tenha sido inventada, com as míticas Revistas do Coliseu que ouvimos contar a um costureiro de teatro, que mais do que vive-las, as sonhou.

Em Hermínia Silva, na grande Hermínia, estão as vozes, os pregões, as crianças a brincar na rua, todos os bairros de Lisboa, e em Salvador, talvez o melhor compère da nossa história, a acrobática, a fantástica loucura das grandes montagens. Em fim de festa, Laura Alves, patética memória duma atriz genial, com toda a luz e sombra deste mistério sagrado e monstruoso que é o teatro. Com ela e com a lembrança daqui a pouco esquecida de um outro Chiado, voltamos de novo a Lisboa, atravessamos o Tejo, com Zé Viana, no velho cacilheiro, e chegamos, como em criança, a uma cidade teatro, com luzes que se espelham na água ou num espelho, cidade tão estranha e labiríntica como um bastidor que vai ter ao palco. A Revista sempre cantou Lisboa, como, na tragédia, os gregos cantavam Tebas. Nela há a Rua da Saudade, onde morava o poeta Ary, essa poeira e cheiro de teatro que se perde e confunde nas nossas recordações, a festa de anos de Ivone Silva numa madrugada ou num sonho de Abril. Neste palco, nesta cidade, à noite, os actores portugueses amam. Dizem que são os melhores amantes do mundo.

Filipe La Féria



PASSA POR MIM NO Rossio

ELENCO DA ESTREIA

NO

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

EM 16 DE MAIO DE 1991

(p. 10)

PINTO DE CAMPOS (1908-1975) foi o maior desenhador do teatro de revista deste século. Tendo começado em 1931, durante a vaga modernista, foi passando todas as fases, nunca parando de encher de bom gosto e imaginação os palcos revisiteiros. E a morte foi apanhá-lo, em pleno palco do Monumental, quando desenhava a sua revista n.º 140, Lisboa Acordou!. Eis uma manifestação do seu muito talento: «A Noite». Melodias de Lisboa (1955).



Texto, encenação e cenografia

Filipe La Féria

Música

João Paulo Soares

Coreografia

Victor Linhares

Figurinos

Jasmim de Matos

Dramaturgia

e Assistência de Encenação

Fernando Heitor

Consultor de Dramaturgia

Vitor Pavão dos Santos

Direcção de Produção

Varela Silva

Elenco do

Teatro Nacional D. Maria II

António Anjos

Catarina Avelar

Curado Ribeiro

Eunice Muñoz

Fernanda Borsatti

Henriqueta Maya

Igor Sampaio

Irene Isidro

João de Carvalho

João Perry

Lurdes Norberto

Madalena Braga

Manuel Coelho

Maria

Amélia Matta

Paula Mora

Ruy de Carvalho

São José Lapa

Varela Silva

Actores convidados

José Jorge Duarte

Rita Ribeiro

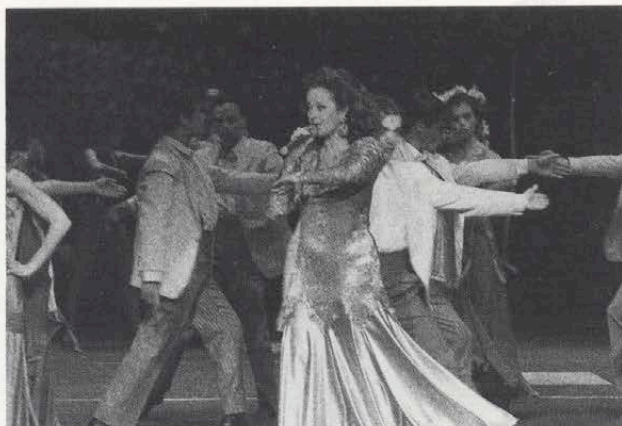
Cantores convidados

Luís Madureira

Simone

Outros actores: *José Simão, Sílvia Brito*; Cantores: *Ana Luisa Branco, Gaspar Rodrigues, Lucília São Lourenço, Nuno Pólvora, Ana Luísa, Ana Rita*; Bailarinos: *Afonso Guerreiro, Carlos Pisco, Cecília Góis, Eunice Menor, Helena Vallis, João Zhoraide, José Fernando Mateus, Laura Boavida, Miguel Melo, Miguel Tavares, Paula Valério, Rita Duarte, Teresa Grácio*; e, Grupo de Circo Cesta d'Artes.





Simone, Abertura, «Vamos à Revista».

ACTO I

Abertura

ACTRIZ

Quando o pano sobe
E o espectáculo começa
Lembro-me de ti, Ivone
Das noites que passámos
Dos copos que bebemos
Das histórias que tu contavas
(o que tu rias, o que tu inventavas)
E a noite não acabava
Éramos artistas
Fazíamos revistas
Num teatro qualquer
Era a noite no Parque Mayer
Apagavam-se as luzes
Vazio o coração
Lembras-te, Ivone
Da nossa canção

Revista, venham à revista
Quero rir, quero ver
Dêem-me todo o palco
Eu quero arder

Revista, venham à revista
Luzes, pó de talco
Eu não quero ficar
Só aqui neste palco

Revista, venham à revista
A vida não presta
Já oiço a orquestra

(p. 14)

Maquete de cenário para o quadro de rua da revista *Mulheres de Sonho* (1960), que bem podia ter por título *Passa Por Mim No Rossio*.



MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ (1908-1985) começou muito jovem a desenhar para a revista, impondo uma elegância toda cor e vibração, colaborando com as grandes actrizes-empresárias, inovadoras do espectáculo musicado, como Luísa Satanela, Eva Stachino ou Hortense Luz.
«Lanceiros da Índia». Feira de Agosto (1936)
«Amores». Feira da Luz (1930)

Acendam os projectores
Que venham os actores, esses loucos

Já oiço as gargalhadas
O resto não vale nada
Se tudo é para esquecer

ENTRAM OS BAILARINOS, CANTORES, ARTISTAS DE CIRCO, QUE REPETEM O REFRÃO, ENQUANTO A ACTRIZ SAÚDA O PÚBLICO.

ACTRIZ

Bem-vindos ao Teatro
Bem-vindos às bilheteiras
Bem-vindos ao foyer
Bem-vindos às escadarias
Bem-vindos à plateia
Hoje a casa está cheia
Ah, você está cá?!
E o senhor também?!

Como está, minha senhora, está bem?!

Bem-vindos ao balcão
Bem-vindos ao camarote presidencial
Bem-vindos à revista
Bem-vindos ao Rossio
Bem-vindos ao Nacional

TODOS REPETEM O REFRÃO E SAEM.



Catarina Avelar – Teatro Nacional.

São José Lapa – Teatro Independente, Catarina Avelar – Teatro Nacional e Henriqueta Maya – Teatro Comercial.

Os Três Teatros

EM TRÊS TRAPÉZIOS, DESCEM SOBRE A CENA: O TEATRO NACIONAL, O TEATRO INDEPENDENTE E O TEATRO COMERCIAL.

NACIONAL

Ouve bem, Teatro independente
Lá por teres o Cintra, o Lourenço
E toda essa gente

Não venhas tu aqui com ar de frete
Estás na casa de Almeida Garrett

Por aqui passaram a Virgínia
Os Rosas e o Brasão

Tem maneiras
Estás na casa que foi
Dos Botelhos e dos Brás Teixeira

INDEPENDENTE

Deixa-me rir, velha carcaça nacional
Falas assim porque tens férias pagas
E subsídio de Natal

Eu sou underground e pós-moderna
E fiz um curso de expressão corporal

Anda, vê como eu grito
Como dou à perna
E acho Beckett bestial

Que para ter espectadores não me vale a pena
Tenho grandes cenários e plateia cada vez mais pequena

COMERCIAL

Pindéricas! Olhem para elas
A Independente e a Nacional
Julgam-se duas grandes estrelas
E esquecem-se de mim
Do Teatro Comercial

Eu sou a farsa, a comédia, a revista
A pluma e a egrette
Não há ninguém que me resista
Mesmo na casa de Garrett

Aqui estive o Amarante
O Vasco e a Maria Matos
E duma revista já distante
Saiu a grande Palmira Bastos

Todos me tratam por tu
Todos são da minha história
Até a D. Eunice fez frou-frou
No palco do Maria Vitória

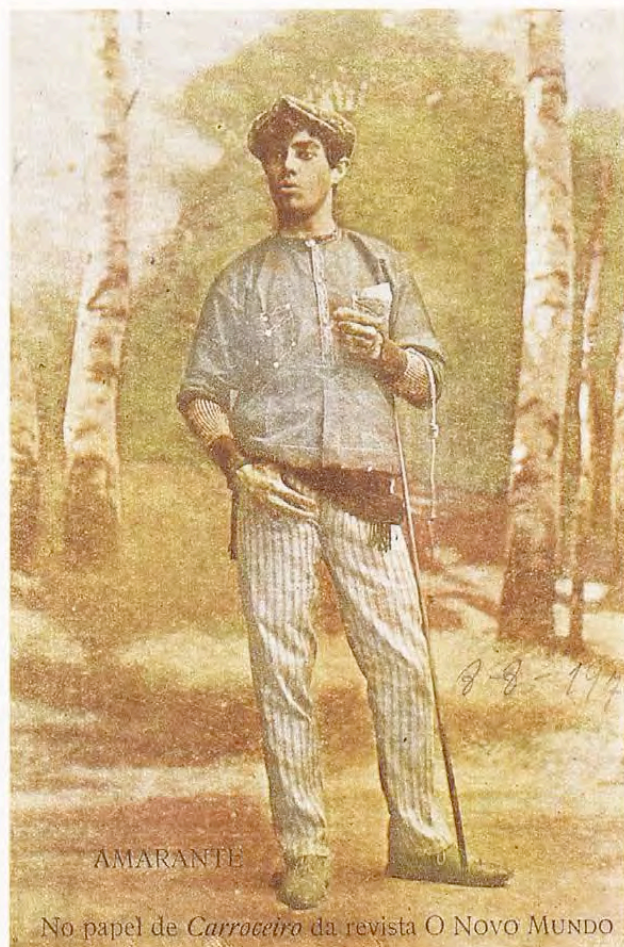
INDEPENDENTE

Cala-te, antiga coquette
Hoje a revista está morta
Tu já não tens nenhuma vedette
Resta-te a Marina Mota

Eu acho no meu entender
Podem vocês crer em mim
Que para a revista renascer
Só com o Avillez em bikini

COMERCIAL

E o João Mota em compère
Ai não havia nada igual



ESTÊVÃO AMARANTE (1889-1951), caso dos mais fantásticos de popularidade, delineou, através de uma carreira de 50 anos de sucessos, figuras inesquecíveis, quer na revista, na opereta, no vaudeville ou na comédia. Nenhum, porém, fez esquecer este «Ganga», o carroceiro que definia uma época agitada, na revista O Novo Mundo (1916).

INDEPENDENTE

E o Jorge Listopad
Como atracção internacional

NACIONAL

Vocês são muito travessas
Más pessoas, intriguistas
Por isso o teatro não presta
Por isso está tudo às avessas

Eu não quero ir para as revistas
Sou uma actriz do Nacional

Eu quero fazer a Ofélia
Ai, valha-me a D. Amélia
Que eu ainda caio do trapézio

Ai, filhas, falta-me o ar
Acudam que eu vou marar
Agora é que me podem chamar
A Catarina a rezar

AS TRÊS CANTAM.

NACIONAL

Revista, venham à revista

INDEPENDENTE

Já emagreci dez quilos

NACIONAL

Revista, venham à revista

COMERCIAL

Não estou nada má

REFRÃO

Revista
É tão bom, ó pá



Revista, venham à revista
 Actrizes do Nacional
 Vamos para o Musical
 Que festa, que desvario
 Passa por mim, passa por mim no Rossio

NACIONAL

Revista, venham à revista

INDEPENDENTE

O meu sonho é ser corista

NACIONAL

Revista, venham à revista

COMERCIAL

Mas vim para a prateleira

REFRÃO

Eu quero é rebaldaria, D. Maria
 Que festa, que desvario
 Passa por mim no Rossio.

AMÉLIA LOPICCOLO, actriz italiana que, depois de uma passagem pelo Brasil, fez tal furor em Lisboa que, pelo início do século, era a mais bem paga das vedetas revisteiras.



Casa das Tragédias

AO TELEFONE LÁ FÚRIA

LÁ FÚRIA

Estou?! Está?! Cultura? Daqui fala o encenador Lá Fúria, da Casa das Tragédias. Como? Não sabe quem eu sou?! Oh, minha senhora Lá Fúria, trinta e três prémios Nova Gente, vinte e oito da crítica, cento e sete Setes de Ouro, menção especial do Júri do Festival de Avintes, dez nomeações para Óscares, meio-Garrett, o encorajamento dos vizinhos e a boa vontade do merceeiro. Olhe, desculpe, eu queria falar com o Senhor Secretário. Ai, vai ligar... *(Canta: «Ninguém! Ninguém!»)* Cultura? Como?! O Senhor Secretário não está?! Então ligue-me à Senhora Secretária do Senhor Secretário... *(Canta: «Ninguém! Ninguém!»)* Cultura? Ah, a Senhora Secretária do Senhor Secretário não está? Ah, está no Galeto! Ahn, está à espera duma panqueca?! Como? Se eu quiser dá-me o número do Galeto? Mas está a gozar comigo? Não, não vale a pena... Olhe, passe-me então ao Director-Geral! *(Canta: «Ninguém! Ninguém!»)* Cultura? Ah, não está! Está em Versailles! Como? Está na Versailles! Gosta muito de ducheses, que giro! E além de ducheses gosta de túbias, palmiers, croissants, queques, bolos de arroz, pastéis de nata, jesuítas, babás, guardanapos, rins, gari-baldis, trouxas, bolas de berlim, granadeiros, petit-fours, nozes, caracóis, pastéis de Belém e cavacas! Muito se enche esta gente... Que figadeira! Olhe, não faz mal, passe-me à Chefe de Secção... *(Canta: «Ninguém! Ninguém!»)* Cultura? Olá, como está D. Olinda? Ai, desculpe-me, pareceu-me ouvir a voz dela! Olhe, faz favor, já que não está ninguém, chame alguém com quem eu possa desabafar... *(Canta: «Ninguém! Ninguém, poderá mudar o mundo»)* Cultura? Como?! Serviços de Limpeza?

José Jorge Duarte – Lá Fúria e Secretários, quadro «Apresentação de Lá Fúria».